

# Os bardos do "Orfeu" são doidos com juízo

Para Rilhafoles?! Não! Para a mão de vaca dos "Irmãos Unidos,"...

Ha dias um cruel e sarcástico artigo da *Capital* veio chamar a atenção do publico para a nova revista trimestral de literatura *Orfeu*, fundada e colaborada pelos srs. Mario Sá Carneiro, Fernando Pessoa, Pereira Guisado, Almada Negreiros, Luis de Montalvor, Alvaro de Campos e Ronald de Carvalho. Até então, empilhada nas montras da livraria Cernadas, ella tinha conseguido passar quasi completamente despercebida á frivola multidão—essa multidão ignara que não pode, mercê das suas mediocres qualidades intellectuais, subir a tão requintadas elevações de ideia, a tão exquisitos, quasi alucinados, preciosismos de forma. E, todavia, nas 83 elegantes paginas de prosa e verso, que constituem o volume *Orfeu*, está, muito embora não pareça, o inicio de uma nova escola. Os literatos do *Orfeu*, hoje, após o aparecimento da sua obra estranha, os mais originaes e acreditados poetas da nossa praça, são aquelles seis ou sete mancebos audazes que dos cafés e dos *restaurants* formam como que uma especie de cenaculo, de onde, de quando em vez, se dignam lançar os seus olhares dominadores para os miseros mortais, pobres e mesquinhos, que as altas teorias de arte, por elles apregoadas entre um café e a fumaça de um cigarro *chic*, não conseguiram ainda apreender. A critica do livro está feita. Através a leitura dos periodicos nada fazia prevêr que a obra passasse da banalidade. Todos diziam bem della, naquellas quatro linhas tão nossas conhecidas, que constituem já o classico chavão do jornalista para terminar com o inevitavel *agradecemos o exemplar que tiveram a gentileza de nos enviar a esta redacção*. Mas o artigo da *Capital*, esse é que veio lançar um pouco de luz sobre o caso. Da sua leitura e da ironia amarga com que o autor o polvilhou implacavelmente a uma con-

clusão cheguei: o *Orfeu* era uma obra unica da literatura portuguesa. Compreio-o logo. Edição portatil. 30 centavos. Barato e elegante. Folheei-o ao acaso, primeiro. Que desejavam os do *Orfeu*? Foi o que, admirada que foi aquella gravura da capa, com as duas velas enormes a alumiar, não sei que santa milagreira, lobriguei nas primeiras paginas. Elles, os jovens literatos, explicam as suas boas intenções com espantosa clareza:

Formar, em grupo ou ideia, um numero escolhido de revelações em pensamento ou arte, que sobre este principio aristocratico tenham em *Orfeu* o seu ideal isoterico e bem posso de nos sentirmos e conhecermo-nos.

Claro como agua. Pena é não se perceber bem o que desejam exprimir estes excelentes rapazes... Logo a seguir, porém, acrescentam elles:

Puras e raras suas intenções como seu destino de Beleza é o do: Exilio!

Acho cruel. E' um exagero e uma barbaridade. Bem sei que, na letra dos Codigos, não ha especificação clara da pena a aplicar para tão monstruoso e barbaro crime. Bem sei! Mas levar o castigo até o extremo de um doloroso e prolongado exilio acho verdadeiramente selvagem. O conspirador José de Azevedo cometeu bem maior delicto do que escrever o *Orfeu* e foi, simplesmente, exilado para... a cidade de Coimbra!

\* \* \*  
O que é facto é que já dizia o Filho: *é preciso irritar a multidão*. E os jovens do *Orfeu* alguma coisa conseguiram já nesse sentido. São discutidos na rua, criticados nos jornais e não tarda que não apareçam nas revistas do anno—consagração definitiva dos homens de genio na nossa terra... Tenho a felicidade de conhecer de vista alguns mestres da nova literatura. Fixo-os por vezes

8 abril 1915

"O Colun do"





com insistencia, mas elles, em abo-  
no da verdade, nenhuma importan-  
cia me ligam. Essa indiferença, como  
se poderá calcular, representa para  
mim um verdadeiro supplicio. Longe  
delles, fico privado de apreender as  
ideias novas que apregoam, ouvir as  
suas catequeses, anotar os seus con-  
ceitos, estudar a sua filosofia origi-  
nal. O que me vale, em todo o caso,  
é o volume precioso que adquiri.  
Por elle verifico, cheio de alegria e  
de assombro, que qualquer coisa de-  
sejam os poetas, efectivamente, fazer  
de novo. E' nessa conformidade que  
um dos de maior peso, o sr. Sá Car-  
neiro, se não estou em erro, exclama  
com um grande ar de convicção:

E em metade de mim hoje só moro...

Achou o sr. Carneiro, neste impe-  
cavel verso de dez silabas, a solução  
unica para a vida, numa epoca em  
que os falos de bom cheviote nos  
custam os olhos da cara e em que as  
casas, pelo exagero das rendas, que  
são uma verdadeira exorbitancia,  
estão o que se chama pela hora da  
morte! O sr. Sá é, de resto, uma pes-  
soa cujo sofrimento nos deve mere-  
cer toda a simpatia. Bem lhe basta  
aquillo, que elle sinceramente con-  
fessa, de *sonhar esvair-se em vicios de  
martim*, o que não deve ser, na rea-  
lidade, um bom petisco. Mas, ou por-  
que a doença rebelde que o martiriza  
seja de molde a não resistir ao tra-  
tamento medico, ou porque o sr. Sá  
Carneiro se não trata, o facto é que  
elle depois de disfarçar, dizendo

Findei... Horas—platina... Olor—bro-  
cado...

Luar—ansia... Luz—perdão... Orquí-  
deas—pranto

acaba por declarar francamente o  
estado em que se encontra, quando  
exclama num rasgo de sinceridade:

O' pantanos de Mim—jarlím estagnado...

E' um caso que os depurativos pa-  
rece não terem debelado. Deixemos,  
pois, este infeliz e simpatico rapaz.  
Continuemos a percorrer as paginas  
do *Orfeu*, uma por uma, com toda a  
atenção e meticulosidade. Fico ex-  
traordinariamente encantado com  
a sua leitura. Esses belos versos,  
que eu vou insensivelmente deco-

rando, á medida que os recito, reve-  
lam-me, sobretudo, a grande alma  
dos moços e audaciosos escritores.  
Tão grande que até o sr. Alvaro de  
Campos afirma que

Nos Longchamps e nos Derbys e nos  
Ascots  
e Picadillies e Avenues de l'Opera que  
entram  
Pela minha alma dentro!

o que, a não ser que o sr. Campos  
esteja a brincar com a rapaziada,  
constitue uma fantastica e assom-  
brosa maravilha. Trechos ha, no  
bello poema, que hão de ficar unicos  
nas nossas letras como pedaços in-  
confundiveis de rara filosofia. Por  
exemplo:

Alma ungida  
E perdida

Na grandeza de Si. E já sem ver-me  
Maceração crepuscular de mim  
Agonizo de Ser-me.

Ou:

Amor divino em Deus extasiado  
O meu Ser é Não-ser em Outro Ser.

Ou ainda:

Atirem-me para dentro das fornalhas!  
Metam-me debaixo dos comboios!  
Espanquem me a bordo dos navios!  
Masoquismo através dos masoquismos!

Eia! eia—hói eia!

Eia! sou o calor mecanico e a electrici-  
dade!

Eia! e os rails e as casas de maquinas e  
a Europa!

Eia e hurrah por mim—tudo.

Maquinas a trabalhar, eia!

Galgar com tudo por cima de tudo! Hup  
lá!

Hup lá!... hup-lá... hup lá—hó hup lá.

Hé há! He-hó—Ho-ó-ó-ó-ó

Z z z z z z z z z z

Ah! não ser eu toda a gente e toda a  
parte...

O que este poeta imagina ser! A  
ambição que lhe devora o cerebro!  
Póde divergir-se da ideia, tão alta e  
sublimada, mas o que ninguem pode  
contestar é a beleza da forma, a me-  
lodia dos versos, de uma encantado-  
ra sonoridade. Isto é bello, por exem-  
plo, em toda a parte do mundo:

Hé há! He-hó—Ho-ó-ó-ó-ó

Z z z z z z z z z z!

E' de uma tocante suavidade e con-  
segue sair fora da rotina...

\* \* \*

6 Mundo  
8-11-1915  
(continua)



Afinal, os do *Orfeu*, com todos os seus conceitos superiores e a sua envergadura inconfundível, são criaturas tão humanas como nós próprios. Os projectos da sua escola literaria, os seus *complots* que preparam os atentados á rotina banal e á forma simplista, segundo me têm sido dado observar, são forjados pacatamente nas mesas dos cafés da Baixa. Na triste mansidão da Montanha, na atmosfera succulentamente culinaria dos *Dois Irmãos Unidos* ou na febril e nervosa agitação do Martinho é que elles compõem as suas *Odes triunfaes*. E talvez nesta diversidade de fontes de produção possamos explicar as diferenças de inspiração e de energia encontradas nas paginas exóticas do *Orfeu*. Vejamos:

Metam me debaixo dos comboios

As mesas dos cafés endoideceram feitas ar...  
Caiu-me agora um braço... Olha lá vai elle a valsar  
Vestido de casaca, nos salões do Vice-Rei...

Estão a vêr: é do *Martinho* em noite de manifestação. Realmente, nessas ocasiões, andam braços no ar que ninguem já sabe a quem pertencem... Os comboios de que fala o poeta são claramente os da estação do Rocio. Outro trecho:

Os meus sentidos a escoarem-se...  
Altares e velas...  
Orgulho... Estrellas...  
Vitrais... Vitrais...  
Flores de lis...  
Manchas de côr a ogivarem-se...  
As grandes naves a sagrarem-se...  
—Nossa Senhora de Paris!...

Altares e velas... Flores de lis...  
Isto é da tristeza do *Montanha*...  
Finalmente:

Eu, que fui sempre um mau estunte, agora  
Não faço mais que ver o navio ir  
Pelo canal de Suez a donduzir  
A minha vida, canfora a aurora.

Navio? Não é preciso mais nada: vê-se que foi inspirada esta poesia no tombadilho dos *Dois Irmãos Unidos*. A canfora é da farmacia do Leão e, realmente, aquelle pavimento superior da sala do popular *restaurant* tem o quer que seja de barco a conduzir a alma, não para o canal de Suez, mas para a Praça da Figueira... A permanencia dos literatos nas casas de pasto é coisa assaz notada. Conta-se até—de certo por *blaque*—que o criado do *Montanha*, farto de ouvir as nefelibatices dos moços poetas, com os seus *balaustres de som* (*Distante melodia*, de Sá Carneiro) e a *ansia a subir* por elles acima como um trapezio escanga-

lhado (poesia *Nossa Senhora de Paris*) já se engana e diz para dentro do *guichet*:

—*Chetre!* Salta *malaustre* na grelha que venha bem douradinho, que é para os senhores do trapezio...

Não garanto a autenticidade... Falei em revistas do anno. Pois um dos cultores felizes deste genero de teatro, a quem li trechos selectos do *Orfeu* disparou-me o seguinte improvisado, que aqui deixo estampado a titulo de curiosidade. E' assim:

Tive uma Ideia:  
Fava! Aveia!...  
E palha!...  
Cafés! Cafés!  
São 8 pés!

Nossa Senhora lhes valha!

Saia a cav'laría dos Lotos!  
Metam nos debaixo dos comboios!

Iris! Opió! Tedio! Requite!  
Ófrol! Asas! Manchas de côr!  
—A 10 réis são vinte!  
A escaldar! Calor!

Balaustre! Arcos de amar  
Maluquismo!

Sinapismo!  
Terra, carvão e cisco!  
Um braço no ar,  
Curvado,  
Repuxado,  
A's armas, S. Francisco!

Luz! Pirilampus!  
Carne do talho!  
Martim com cheiro!  
Alvaro Campos!  
Ronald Carvalho  
E Sá Carneiro!

Charutos! Trafucos  
Eia! ó... pst! ó... ó  
fala Só

Ena agora! Que os rapazes 'stão malucos!

Huplá! Trás! Pst... Vá agora!  
Aperte-me essas pernas no selim!  
Zsss... trás...  
—Stá bem  
Afague o animal (Brr) e mande embora  
E pouse o pingalim!  
(Tac),

Fazendo justiça e para concluir: os fundadores da revista *Orfeu* são bons rapazes e criaturas ilustradas. Tenho esperança de que não de vingam na carreira das letras quando das suas cabeças se esvaírem os vapores de uma exótica literatura que lhes tem dado volta ao miolo, afastando-os da realidade das coisas. Mas para que diabo escreveriam elles o *Orfeu*, não me dirão?...

Dr. X.

(continua)

8-11-1915

